

Quarta-feira de Cinzas (18/02/2026)

Com a celebração das Cinzas iniciamos o tempo mais intenso de todo o ano litúrgico. Durante estes noventa dias, até à solenidade de Pentecostes – e, na nossa realidade paroquial, até à festa do Senhor de Matosinhos – somos chamados a percorrer, com a Igreja, o caminho pascal de Jesus: da cruz à ressurreição.

Ser cristão é configurar a própria vida com a de Cristo; por isso, a Igreja, mãe e mestra, convida-nos a conformar a nossa existência com o mistério de Cristo crucificado e ressuscitado, afinando o coração e as obras segundo a sua maneira de viver.

Todos sabemos que são muitos os motivos que nos afastam desta vida nova. Com o passar do tempo e no meio das dificuldades da existência, podemos distanciar-nos da vida nova que brota de Cristo ressuscitado. Por isso, antes de celebrarmos plenamente o mistério pascal, somos chamados a olhar com verdade para a nossa vida, a fim de reconhecer quanto nos afastámos desta novidade e iniciar um autêntico itinerário de conversão, orientado para a vida nova.

O primeiro passo da conversão é a capacidade de reconhecer as próprias fragilidades e faltas. Este é o significado profundo da imposição das cinzas: elas recordam-nos a nossa condição frágil e mortal, marcada pela finitude e pelo tempo. Contudo, não reconhecemos a nossa fragilidade para permanecer na lamentação, mas para reavivar a esperança: fomos criados para o alto, chamados à vida nova que Deus nos oferece em Cristo.

Este esforço de conversão não pode permanecer numa mera intenção interior, mas deve traduzir-se em gestos concretos. Por isso, a Igreja propõe-nos três caminhos fundamentais: a oração, o jejum e a caridade.

O mal possui uma força tal que, por nós mesmos, não somos capazes de alcançar uma libertação plena. A oração consiste, antes de tudo, em abrir o coração à ação de Deus, permitindo-nos ser transformados pela sua graça e pela sua Palavra, como recorda Leão XIV na sua mensagem para a Quaresma. Somos, portanto, chamados, neste tempo favorável, a criar espaços de escuta da voz divina.

Para crescermos na comunhão com Deus, impõe-se um verdadeiro descentramento de nós mesmos, tornando-nos disponíveis para Ele. O jejum exprime precisamente esta dinâmica de conversão: é renúncia ao pecado e ao supérfluo, para aderir mais plenamente à vida nova em Cristo. O Papa convida-nos, em particular, à «abstinência de palavras que atingem e ferem o próximo»: renunciar às palavras mordazes, ao juízo temerário, à maledicência sobre quem está ausente e não se pode defender, e a toda a forma de calúnia.

Tal renúncia abre-nos necessariamente aos outros: ao despojarmo-nos do que é excessivo, dispomo-nos a partilhar com quem mais necessita, fazendo da caridade a expressão concreta da conversão. Hoje, a caridade manifesta-se também na capacidade de nos escutarmos mutuamente. Leão XIV sublinha a

necessidade de aprender a medir as palavras e a cultivar a gentileza, para que as palavras de ódio cedam lugar a palavras de esperança e de paz.

Por fim, o Santo Padre exorta-nos a percorrer este caminho de modo sinodal, quer dizer, juntos: escutar juntos a Palavra e deixar que o jejum nos aproxime uns dos outros, de modo particular dos que mais sofrem.

A felicidade brota do viver em comunhão com Cristo crucificado e ressuscitado. A condição humana oscila entre a certeza do caminho da alegria e a dificuldade de segui-lo. Está nas tuas mãos, neste tempo favorável, escolher a vida nova que plenifica e sacia o coração.

Ámen.

P. Emanuel Brandão